

REDES DE APOIO E COMUNIDADES DE MIGRANTES NA HISTORIOGRAFIA GREGA¹

Breno Battistin Sebastiani

Universidade de São Paulo

sebastiani@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3777-6086>

RESUMO

Este texto propõe-se a examinar alguns casos de redes de apoio e comunidades paradigmáticas formadas por migrantes e descritas por Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Políbio e Diodoro. A discussão se centrará nos modos por meio dos quais tais migrantes as construíram, sobretudo quando o fizeram sem necessariamente mimetizar instituições e práticas políticas de pólis antigas. Como aportes teóricos para a discussão, servimo-nos principalmente de Malkin (2011), para estudos de formação de redes de apoio, e de Garland (2014), para a questão dos migrantes na antiguidade. Com essa discussão, esperamos demonstrar que migrar na antiguidade foi motor de promoção de novas formas de dinamismo social, econômico, cultural e humanitário.

Palavras-chave: migrantes; redes de apoio; comunidades; historiografia grega.

ABSTRACT

This text aims to examine some cases of support networks and paradigmatic communities formed by migrants and described by Herodotus, Thucydides, Xenophon, Polybius, and Diodorus. The discussion will focus on the ways in which these migrants constructed them, especially when they did so without necessarily mimicking institutions and political practices of ancient poleis. As theoretical contributions to the discussion, we mainly use Malkin (2011), for studies on the formation of support networks, and Garland (2014), for the issue of migrants in antiquity. With this discussion, we hope to demonstrate that migrating in antiquity was a driving force for promoting new forms of social, economic, cultural, and humanitarian dynamism.

Keywords: migrants; networks; communities; Greek historiography.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (304011/2022-3). Agradeço aos pareceristas a leitura acurada do manuscrito e todas sugestões de aprimoramento. Problemas remanescentes são naturalmente de minha exclusiva responsabilidade. A pesquisa que deu origem a este trabalho também se insere no projeto do Ministerio de Ciencia y Tecnología (España) PID2020-112790GB-I00 “Pobreza, marginación y ciudadanía en Atenas clásica. Procedimientos de marginalización e integración ciudadana de sectores liminales en el sistema democrático”.

INTRODUÇÃO

Um dos grupos sociais que pode ser caracterizado como em situação de vulnerabilidade quase permanente na antiguidade é o dos migrantes. Com base nos textos de Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Políbio e Diodoro, este trabalho propõe-se a examinar alguns casos de redes de apoio e comunidades paradigmáticas formadas por migrantes descritas pelos historiadores citados. A discussão se centrará nos modos por meio dos quais tais migrantes as construíram, sobretudo quando o fizeram sem necessariamente mimetizar instituições e práticas políticas de pólis antigas.

A primeira questão a ser posta diz respeito à efetiva existência de migrantes na antiguidade e, em caso de resposta positiva, à sua identificação. Nas narrativas de historiadores gregos como Heródoto (c.484-425), Tucídides (c.460-399), Xenofonte (431-354), Políbio (c.200-118) e Diodoro Sículo (séc. I a.C.) encontram-se menções a deslocamentos de povos e indivíduos por diversas razões e entre distintos tipos de sociedades e conjunturas. Expressões como *metanástai* (e.g., Hdt.7.161), *epaktoi* (e.g., Th.6.20; 7.28), *planêtai* (e.g., Xen.Cyn.5.17), *époikoi* (e.g., Th.2.27), assim como os bem conhecidos *ksénoi* e *métoikoi*, dentre outras, são constantemente empregadas, às vezes de modo intercambiável, para referir as e os protagonistas do fenômeno da migração, isto é, *migrantes*, *adventícios*, *errantes*, *colonos*, *estrangeiros* ou *metecos* (respectivamente e em tradução meramente provisória e instrumental)². Tais termos conotam sempre *indivíduos ou grupos que se deslocam*, quaisquer que tenham sido as razões a motivá-los, isto é, indivíduos ou grupos percebidos por historiadores antigos de modo análogo, senão idêntico, ao que entendemos correntemente por migrantes.

A partir dessa seleção de termos-chave uma primeira linha teórica do presente texto pode ser traçada: este parte sempre da identificação dos agentes concretos – as e os migrantes – para só então alçar-se aos contextos em meio aos quais as atividades desses migrantes foram descritas, na tentativa de aplicar à antiguidade uma perspectiva análoga à que Paiva, 2013, empregou para compreender movimentos migratórios em fins do século XIX. Ao centralizar a perspectiva deste texto na diminuta escala dos agentes migrantes, esperamos contribuir para iluminar um aspecto da formação de comunidades e redes de apoio na antiguidade que, porque pressuposta, não é totalmente explicitada por Malkin, 2011, por exemplo, cuja visada tem por objeto antes a formação de redes de cidades e colônias gregas no período arcaico. Embora tomando como referência teórica sua defesa da aplicação de conceitos contemporâneos ao estudo da antiguidade (p. 3-64) e a elaboração

² Todas as traduções presentes neste texto sem referência à autoria de terceiros são próprias.

da noção de “Greek Wide Web”³ para a compreensão da formação de redes de colônias gregas no período arcaico, a ambição do presente texto é bem menor: este almeja tão somente identificar passos e conceitos de historiadores antigos que possam servir de referência para a discussão sobre a formação de redes e comunidades na antiguidade por parte de um grupo específico de agentes, no caso migrantes, e que talvez possa repercutir em estudos sobre outros grupos de agentes na antiguidade.

Os migrantes na antiguidade não raro constituíram redes de apoio e comunidades cuja identificação e mapeamento pressupõem alguns outros questionamentos prévios: o que define uma rede de apoio e uma comunidade, e com base em quais iniciativas são construídas? Quais os motivos que levaram migrantes a construí-las, e quais os aportes ainda úteis para a presente abordagem provenientes do modelo de atração e expulsão migratória?⁴ De que modo distintos historiadores as identificaram e descreveram, e quais elementos são privilegiados por cada relato? De que modo tais redes e comunidades mimetizam instituições e práticas políticas encontradas em pólis antigas, quando é o caso? É este o exame em que o texto a seguir se focará, discutindo a identificação e o mapeamento de algumas dessas redes de apoio e comunidades que podem ser consideradas paradigmáticas⁵.

REDES E COMUNIDADES PARADIGMÁTICAS DE MIGRANTES

Exemplos de comunidades de migrantes claramente decalcadas de instituições e práticas políticas notórias no mundo antigo podem ser lidos principalmente em Heródoto e Tucídides. No primeiro, temos o caso de Milcíades, designado explicitamente como tirano (Hdt.6.36.1: *τύραννον κατεστήσαντο*) do Quersoneso pelos atenienses e doloncos que o acompanharam em expedição colonizadora. Embora muito breve, o passo herodotiano deixa claro, pela terminologia empregada, que Milcíades passou

³ Malkin, 2011, p. 25: “The Greek Wide Web was multidirectional, decentralized, nonhierarchical, boundless and proliferating, accessible, expansive, and interactive”.

⁴ Por “modelo de atração e expulsão migratória” me refiro à síntese operada por Garland, 2014, p.153: Immigration scholars identify two related phenomena as the catalyst for migration: a “push” from the country of origin due to its unfavorable internal conditions and how those conditions impact upon specific individuals and groups; and a “pull” to another country or region that holds out the expectation, promise, or hope of a better existence.

⁵ Para tal exame são fundamentais trabalhos como os reunidos por Harrison (2002) e Taylor; Vlassopoulos (2015), além de Isaac (2004), Koser (2007), Vlassopoulos (2007, 2013), Harzig; Hoerder (2009), Lape (2010), King (2012), O’ Really (2012), Bosma; Kessler; Lucassen (2013), Garland (2014), Wijma (2014), Baker; Tsuda (2015), Brettell; Hollifield (2015), Morales (2015), Zanfrini (2016), Kasimis (2018) e Knight (2019).

de *oikistés* (Hdt.6.34.5) escolhido fortuitamente a tirano, centralizando em si poder político suficiente para formar uma comunidade e governar tais indivíduos de modo análogo a Pisístrato, na ocasião tirano de Atenas. Por outras palavras, pode-se dizer que o que foi organizado por Milcíades no Quersoneso foi uma comunidade paradigmática, isto é, um sistema organizado e organizativo autônomo, ou tendente à autonomia, motivado e gerenciado por seus próprios membros, de modo independente tanto da metrópole quanto de outras comunidades porventura existentes na região, e com as quais, é lícito supor, manteve relações de troca e reciprocidade quando necessário.

Já no segundo historiador, Tucídides, o exemplo mais claro talvez seja o dos diversos empreendimentos de colonização promovidos pelos gregos que se lê na “arqueologia da Sicília” (Th.6.3-5). Para além das diversas menções a *oikistai* e à atividade recorrente de (*ksyn*)*kaitoikízein* diversas colônias, chama atenção no passo a rápida menção ao megarense Lamide, que por breve tempo teria se unido aos calcídios para administrar politicamente (ζυμπολιτεύσας - Th.6.4.1) a recém-fundada Leontini. Assim como Heródoto, Tucídides também é explícito não só ao identificar nas colônias da Magna Grécia práticas políticas que descreveriam exatamente o que poderia ocorrer em uma pólis como Atenas. A menção a uma *sympoliteía* e as recorrentes menções, no passo 6.3-5, a (*ksyn*)*kaitoikízein*, dão a medida da coordenação (o uso do sufixo *ksyn*- não parecer ter sido meramente pleonástico), da organização consciente dos agentes envolvidos, que formam não só comunidades locais, mas também redes inter-comunitárias, como no caso de Lamide, ainda que efêmeras (o historiador não menciona, porém, qual teria sido a duração dessa *ksynpoliteía*). O sistema elaborado por Lamide pode ser caracterizado, por outras palavras, como uma rede de apoio paradigmática, na medida em que uma *sympoliteía* pressupõe o alinhamento de várias comunidades ou grupos motivado por interesses comuns e visando a algo comum, no caso a manutenção da própria existência em território desconhecido e com laços muito tênues com a metrópole.

Até aqui seguimos a pista de Malkin, dado que ambos os exemplos dizem respeito a iniciativas de colonização gregas. A maioria, porém, dos exemplos de constituição de redes e comunidades de migrantes, mesmo quando imersos em contextos envolvendo iniciativas de colonização, não é tão evidente quanto se lê nos passos acima. Com base em tais passos pode-se afirmar que por comunidades migrantes estamos diante de um fenômeno que, na antiguidade, correspondeu a qualquer tipo de organização coletiva formada por migrantes, independentemente de sua vigência cronológica, e que tinha por modelo instituições e/ou práticas políticas identificáveis em pólis antigas, ou ao menos assim foi descrita. E redes, por extensão, seria o alinhamento de comunidades

motivadas por interesses comuns e visando a própria manutenção, via de regra organizadas de modo descentralizado⁶.

Como apoio teórico para discutir ocorrências de formações de comunidades ou redes de apoio na antiguidade não tão evidentes como nos exemplos acima, me servirei de duas obras, além do já referido Malkin, 2011, de quem mantereí subjacente a noção de que a formação de redes e comunidades na Grécia antiga correspondeu a um fenômeno “multidirectional, decentralized, nonhierarchical, boundless and proliferating, accessible, expansive, and interactive” (p. 25). Como aportes direta e especificamente relacionados ao objeto deste texto, recorrerei a Garland (2014), que elabora uma tipologia funcional dos migrantes na antiguidade; e a Zanfrini (2016) que, por sua vez, se volta de modo análogo para o fenômeno na contemporaneidade.

A combinação dos dois aportes se fundamenta numa contribuição comum a ambos os autores, ainda que trabalhada com base em objetos, objetivos e temporalidades absolutamente distintas: ambos elaboraram tipologias que convergem ao identificar, em paradigmas de migrantes por razões estritamente econômicas, um elemento que não apenas suscita hipóteses comparativas de cunho histórico-antropológico entre o fenômeno antigo e o contemporâneo das migrações como, ainda, permite a identificação de pistas sobre a formação de comunidades e redes na antiguidade. Em detalhe, ambos identificam em indivíduos situados tanto no meio da pirâmide social quanto em sua base o objeto por excelência para o exame proposto: aqueles, os situados no meio, veem no risco da mudança um mecanismo compensador, com promessas de ganhos ainda maiores; estes, os da parte de baixo da pirâmide, veem na migração por vezes a única saída contra as mais diversas situações de pobreza ou miséria. Quase todos, senão mesmo todos os migrantes na antiguidade, denotam preocupações de ordem econômica subjacente ao ato de migrar, fosse a busca de um novo local para se estabelecer, fosse alguma forma de ganho comercial, fosse, ainda, alguma expectativa de pilhagem e aproveitamento decorrente de uma expedição bélica, dentre outros exemplos que poderiam ser arrolados.

Dentre o grupo maior formado pela genérica designação de migrantes há pelo menos dois subgrupos bastante mais específicos e aos quais se pode atribuir objetivos explicitamente econômicos como norteadores de sua iniciativa de migrar: como exemplos desses grupos na antiguidade o texto a seguir discutirá alguns episódios emblemáticos envolvendo metecos e estrangeiros, de um lado, e mercenários, de outro.

⁶ Cf. discussão em Malkin, 2011, p. 8-10.

METECOS E MERCENÁRIOS

Na Atenas da transição entre os séculos V e IV, que se tornou o maior pólo de atração de migrantes do Mediterrâneo à exceção de momentos críticos como a expedição à Sicília ou a tirania dos Trinta, encontramos *métoikoi* como os pretendentes que viajam grandes distâncias na esperança de casar-se com a filha de Clístenes, tirano de Sicíone (Hdt.6.126-130); Céfalo e seus filhos Lísias e Polemarco; metecos ricos tais quais aqueles cujos bens foram confiscados com o beneplácito dos Trinta (Xen.*Hell.*2.3.21); ou os indivíduos designados como a “melhor estirpe de habitantes” por Xenofonte (*Vect.*2.6). Dentre os *ksénoi*, abundam mulheres vítimas de tráfico sexual e que virão a tornar-se *pórnai* e *hetairai*; ou os *ksénoi*, provavelmente também metecos, que desertam de Nícias (Th.7.13, 7.63); ou a multidão de escravos *kheirotéchnai* (artesãos qualificados), dentre eles ceramistas e pintores, que escapam para Deceia em 413 (Th.7.27); ou, de modo geral, “toda sorte de bárbaros”, no juízo de Xenofonte (*Vect.*2.3). Seguramente o maior número de migrantes da cidade se encontraria sob essa rubrica. Em comum a todos esses indivíduos, fossem eles formalmente metecos ou apenas estrangeiros de passagem, encontram-se as mais variadas formas de desejo de ascensão social, quando possível, mas sobretudo econômica.

A percepção da existência de redes de apoio formadas por migrantes é sempre feita por vias indiretas, uma vez que não se encontra, nos textos antigos, um conceito específico que descreva o fenômeno, o qual, aliás, não parece ter despertado a atenção dos historiadores em exame. Dentre os exemplos acima, dois são particularmente eloquentes. O primeiro se encontra em Tucídides e diz respeito à multidão de *kheirotéchnai* que escapam para Deceia em 413: “mais de vinte mil cativos desertaram, a maior parte deles artesãos” (Th.7.27.5). Não é possível definir com precisão se se trata de um grupo que organizou a fuga, ou simplesmente de um ajuntamento coletivo que se formou como tal em função da fuga mesma que empreendeu. A despeito disso, entretanto, é relevante o fato de que em um dado momento um grupo formado por praticantes de um mesmo ofício, ou de ofícios afins ao ponto de serem todos qualificados por uma única rubrica, agiu efetivamente como grupo e não apenas como somatória desconexa de indivíduos. Por outras palavras, os artesãos fugitivos atuaram coletivamente a ponto de não apenas sua atuação ter sido reconhecida como tal por um historiador como, seguramente, ter deixado marcas na população da qual se desvincularam, uma vez que a perda de um grande número de artesãos não é algo que se substituísse rapidamente.

A despeito de terem agido como uma rede de solidariedade forjada às pressas, porém, chama atenção o fato de que o historiador nada afirma a respeito desse grupo em fuga que permita inferir terem organizado qualquer estrutura ou comunidade que minimamente recorde uma pólis antiga, a

despeito da ação coesa empreendida. Ao contrário, a iniciativa parece ter sido única e pontual, fruto de uma situação de desespero e necessidade urgentes, e que se limitou à circunstância e espaço em que ocorreu, isto é, não deixou raízes nem prolongamentos sociais mais profundos. Estamos inicialmente diante apenas de uma rede de apoio formada por tais migrantes, ou seja, uma forma de união solidária forjada muitas vezes às pressas e ante a premência de uma grande necessidade com o fim específico de proteger mutuamente, da melhor forma possível, a todos os indivíduos porventura albergados sob a proteção de tal rede. Uma vez escapados à dominação a que estavam até então submetidos, é de se supor que tais indivíduos, para sobreviver, tenham dado continuidade às atividades que desempenhavam até então, mas agora inseridos em nova comunidade e de modo coletivo ou não.

Outro passo notável, que trata de estrangeiros antes que de metecos, se lê na exortação de Nícias a seus marinheiros antes da batalha contra Gilipo:

(...) vocês que até o momento foram considerados atenienses sem o ser, sendo admirados em toda a Hélade pela perícia em nossa língua e pela imitação de nossos costumes, vocês que partilham não menos das vantagens de nosso império por conta do pavor que ele inspira em seus súditos, e sobretudo pelo fato de não serem vítimas de injustiça. De modo que, sendo os únicos a partilhar livremente do império conosco, é justo que não o traiam (Th.7.63.3-4)⁷.

O passo funciona como um raio x da atuação de estrangeiros livres em Atenas, dos benefícios que tais estrangeiros poderiam auferir ao unir-se no empenho coletivo pelo império, e dos perigos a que poderiam se expor caso dele abrissem mão. Peça fundamental da engrenagem da *arché* ateniense, seus *naútai* são exortados a fazer precisamente aquilo que fazem bem de modo coletivo, isto é, quase como uma comunidade dentro da pólis: engajar-se no esforço maior para defendê-la na ocasião. Assim como no caso acima, é de supor que também esses *naútai* partilhassem de interesses comuns e se empenhassem, formando uma rede de apoio, para defendê-los, como foi o caso daqueles que, também marinheiros, se reuniram em assembleia em Samos dois anos depois para fazer frente ao golpe de Estado que assolava a cidade (Th.8.76)⁸. Novamente, e de modo análogo, o historiador ateniense não descreve explicitamente a formação e a atuação de uma rede de apoio. De seu relato, porém, é perfeitamente possível inferir sua existência e, por via de

⁷ οἱ τέως Ἀθηναῖοι νομιζόμενοι καὶ μὴ ὄντες ἡμῶν τῆς τε φωνῆς τῇ ἐπιστήμῃ καὶ τῶν τρόπων τῇ μιμήσει ἐθουμάζεσθε κατὰ τὴν Ἑλλάδα, καὶ τῆς ἀρχῆς τῆς ἡμετέρας οὐκ ἔλασσον κατὰ τὸ ὠφελεῖσθαι ἔς τε τὸ φοβερὸν τοῖς ὑπηκόοις καὶ τὸ μὴ ἀδικεῖσθαι πολὺ πλέον μετείχετε. ὥστε κοινωνοὶ μόνοι ἐλευθέρως ἡμῖν τῆς ἀρχῆς ὄντες δικαίως [ἄν] αὐτὴν νῦν μὴ καταπροδίδετε.

⁸ Discussão do passo e bibliografia em Sebastiani, 2018 e 2022.

passos como o examinado, inferir a atuação de seus membros, as razões que os uniram e as preocupações e benefícios comuns por eles partilhados.

Com relação à atuação de mercenários, lemos em Políbio ao menos um exemplo eloquente, que compreende a atuação de Xantipo junto aos cartagineses (Polyb.1.32-36). O relato de Políbio se inicia com a seguinte menção:

Por essa época navega para Cartago um certo arregimentador de mercenários (ξενολόγος), daqueles que anteriormente eram enviados à Grécia, trazendo muitos soldados, e entre eles um lacedemônio de nome Xantipo, educado à lacônica e experimentado na guerra (Polyb.1.32.1)⁹.

À primeira leitura, nada permite inferir que tais mercenários formassem um grupo coeso ou uniforme. Esses soldados se encontravam, porém, arregimentados sob as ordens de alguém que coordenava sua atuação como coletividade – o *ksenológos* – e, por extensão, de algum modo conferia alguma organicidade ao grupo que, uma vez desembarcado, desempenharia uma ação coordenada e específica, no caso atuando como mercenários junto aos cartagineses. Nos quatro parágrafos de Políbio na sequência, a informação mais importante a ser destacada é a presença, lado a lado, de ao menos três tipos de representantes de três estratos sociais distintos e provenientes das mais diversas partes do Mediterrâneo, que não apenas conviviam e partilhavam interesses como dependiam mutuamente uns dos outros. Enquanto o *ksenológos* atuava como intermediário entre a aristocracia militar e o contingente de soldados recrutados, é nítido o quanto os dois primeiros, intermediário e aristocracia, dependem intrinsecamente dos últimos, os soldados, para sua existência e desempenho das próprias funções sócio-econômicas. Embora não seja um relato específico sobre formas de exploração ou consciência do fato por parte dos explorados, o texto de Políbio documenta de modo singular tais interações e quase dá voz àqueles que formavam o sustentáculo dessa enorme pirâmide sócio-política, indivíduos não raro sem vinculação direta com a formação nem com a composição de pólis ou impérios, mas tão somente empregados *ad hoc* e que se mantinham vagando de uma situação de conflito a outra a fim de ganhar a vida mediante o emprego da força organizada. Assim como nos exemplos anteriores, também é possível inferir deste que havia alguma consciência, por parte dos mercenários envolvidos, de que apenas atuando coletivamente eles conseguiriam auferir alguma forma de ganho e sustento, formando, assim, redes próprias.

⁹ Περί δὲ τοὺς καιροὺς τούτους καταπλεῖ τις εἰς τὴν Καρχηδόνα ξενολόγος τῶν ἀπεσταλμένων εἰς τὴν Ἑλλάδα πρότερον [εἰς τὴν Καρχηδονίῳν], ἄγων στρατιώτας πλείστους, ἐν οἷς καὶ Ξάνθιππὸν τινα Λακεδαιμόνιον, ἄνδρα τῆς Λακωνικῆς ἀγωγῆς μετεσχηκότα καὶ τριβὴν ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἔχοντα σύμμετρον.

Análoga consciência e análoga rede pode ser inferida de um *ksenólogos* bem conhecido por via do relato de Tucídides, ainda que formalmente não designado como tal. No episódio do massacre de Micaleso (Th.29-30), os 1300 mercenários trácios chegados tardiamente a Atenas são entregues a Diítrefes, que por sua vez é encarregado de prejudicar os inimigos da cidade de qualquer maneira que conseguisse. Diítrefes passa imediatamente à obra, perpetrando uma série de razias e ataques, inclusive massacrando todos os alunos de uma escola infantil. Por trás do horror do episódio pode-se ler algo análogo ao que se encontra no passo de Políbio discutido acima, isto é, que a atuação de mercenários conduzidos por um *ksenólogos* refletia também uma forma de organização de redes de apoio fundada numa consciência comum que lhes garantia os próprios interesses.

O emprego de mercenários para atuar coletivamente para a proteção de um tirano ou de uma pólis era algo dado como natural e corriqueiro ao menos desde Xenofonte, que apresenta o poeta Simônides aconselhando Hierão sobre como empregar *misthophóroi* e *doryphóroi* de modo o mais eficiente tanto para sua proteção pessoal quanto para a de toda a comunidade que eventualmente viesse a governar (*Hier.*10). Quase como num desdobramento dessa linha de raciocínio, lê-se em Políbio uma descrição explícita do papel coletivo desempenhado por tais indivíduos e sua importância para a existência de organizações coletivas na antiguidade tanto de caráter democrático quanto tirânico:

Após algum tempo, os mercenários do tirano prevaleceram por seu número e destreza superiores, pois eram bem treinados. Isto é geralmente, via de regra, o que costuma ocorrer: assim como as massas nas democracias são mais propensas a desencadear conflitos do que os súditos de um tirano, na mesma medida os estrangeiros de um déspota provavelmente superarão os mercenários arregimentados por democracias. Se, no primeiro caso, uns se arriscam pela liberdade e os demais por conta da escravidão, do mesmo modo, no caso dos mercenários, os primeiros se empenham por melhorar a própria situação, e os demais por evidente prejuízo próprio. Pois uma democracia, tão logo elimina os conspiradores, não mais mantém a própria liberdade com mercenários; uma tirania, porém, quanto mais ambiciona, tanto mais necessita de mercenários, pois como comete crimes contra muitos, se vê às voltas com muitos conspiradores. Daí que a segurança dos déspotas depende inteiramente da boa vontade e da força de estrangeiros (Polyb.11.13.3-8)¹⁰.

¹⁰ χρόνου δὲ γινομένου κατίσχυον καὶ τῷ πλήθει καὶ ταῖς εὐχειρίαις διὰ τὴν ἔξιν οἱ παρὰ τοῦ τυράννου μισθοφόροι. τοῦτο δ' εἰκότως καὶ τὸ παράπαν εἶωθε γίνεσθαι. ὅσῳ γὰρ συμβαίνει τοὺς ἐν ταῖς δημοκρατίαις ὄχλους προθυμότερους ὑπάρχειν ἐν τοῖς πολεμικοῖς ἀγῶσι τῶν τοῖς τυράννοις πολιτικῶν ὑποταττομένων, τοσοῦτ' αὖ παρὰ τοῖς μονάρχοις ξενικὰ τῶν ἐν ταῖς δημοκρατίαις μισθοφορούντων εἰκὸς ὑπεράγειν καὶ διαφέρειν. ὥσπερ γὰρ ἐπ' ἐκείνων οἷς μὲν ὑπὲρ ἐλευθερίας ἐστίν, οἷς δ' ὑπὲρ δουλείας ὁ κίνδυνος, οὕτως ἐπὶ τῶν μισθοφόρων οἷς μὲν ὑπὲρ ὁμολογουμένης ἐπανορθώσεως, (οἷς δ') ὑπὲρ προδῆλου βλάβης γίνεται φιλοτιμία. δημοκρατία μὲν γάρ, ἐπανελομένη τοὺς ἐπιβουλευσάντας, οὐκέτι μισθοφόροις τηρεῖ τὴν ἑαυτῆς ἐλευθερίαν· τυραννὶς δ' ὅσῳ μειζόνων ἐφίεται,

A sagacidade e o refinamento da análise de Políbio não são apenas fruto de observação perspicaz por parte de um ex-dirigente da Liga Aqueia profundamente familiarizado com a esfera militar e diplomática das intrincadas relações políticas no mundo helenístico. Antes, um exame assim tão contundente indicia o modo de agir coletivo, organizado e consciente dos próprios poderes e limites por parte dos mercenários estrangeiros objeto do escrutínio do historiador. Por outras palavras, tal percepção reflete a existência de redes próprias formadas por tais indivíduos e grupos e fundamentada no poder que detinham tanto para a manutenção de tiranias quanto para a destruição de democracias – note-se a ambiguidade, incisivamente irônica no original, da constatação de que “uma democracia, tão logo elimina os conspiradores, não mais mantém a própria liberdade com mercenários”.

A partir desses relatos é possível circunscrever um subtipo específico de migrante econômico, por vezes de caráter temporário, muito presente ao longo de todo o Mediterrâneo principalmente a partir do século IV (mas não só: Tucídides refere os *ksénoi* mercenários que atuavam como remadores nas trirremes de Atenas – 1.121): as milícias mercenárias (*misthophóroi*), cujas menções abundam em historiadores como Políbio e Diodoro. Deste, é paradigmático o relato que envolve as atitudes de Dionísio I de Siracusa. O historiador reporta que Dionísio teria persuadido, em 405, os cidadãos de Entela a acolherem mercenários campânicos como *synoikoi* (14.9); teria repovoado a Campânia com mercenários (14.15), assim como Leontini, após vencer os cartagineses em 396 (14.78); e teria estabelecido seus próprios mercenários em Tauromênio em 392 no lugar dos sícelos (14.96): tais ocorrências colocam Dionísio como uma figura bastante comum sobretudo no período helenístico, a do *ksenólogos* ou capitão de milícias mercenárias que, por meio das próprias iniciativas e planos, se faz tirano conferindo organicidade e identidade a seus subordinados. Por extensão, conforme amplia o número de assentamentos que promove, amplia automaticamente a rede de apoio formada pelos ex-combatentes que nutrem por ele diversas formas de dívida de gratidão e lealdade.

Além do caso paradigmático de Dionísio, que se faz tirano em razão mesmo de ter sabido organizar uma rede de apoio fundamentada em seus próprios mercenários, em Diodoro encontram-se também outras ocorrências de análogo teor e que permitem análogas inferências, como as menções à primeira instalação de mercenários por Gélon em 485 (11.72), ou ao massacre da população mercenária de Etna por Timoleão (16.82). Um elemento

τοσοῦτῳ πλείονων προσδεῖται μισθοφόρων. πλείονας γὰρ ἀδικοῦσα πλείονας ἔχει καὶ τοὺς ἐπιβουλευόντας. ἡ δὲ τῶν μονάρχων ἀσφάλεια τὸ παράπαν ἐν τῇ τῶν ξένων εὐνοίᾳ κεῖται καὶ δυνάμει.

fundamental associado ao emprego de mercenários se faz notar: não raro mercenários eram alocados em territórios estrangeiros como base de apoio, guarnição preventiva ou recompensa por uma carreira bem sucedida. É o caso dos mercenários de Alexandre da Bactria e da Sogdiana (Diod.Sic.17.99) ou uma parcela dos Dez Mil que decidiram habitar em Calpe, na Bitúnia (Xen. *Anab.*6.4). Já os mercenários trácios que promoveram o massacre da escola de Micaleso (Th.7.27-30) permanecem como advertência contra o perigo que o recrutamento e a manutenção de tais migrantes podiam representar para qualquer comunidade antiga; e aqueles que se gabam do próprio status e poderio, como Licomedes de Mantinea (Xen.*Hell.*7.1.23), permitem entrever o fascínio e o potencial de ascensão sócio-econômica que tais grupos representavam para muitos indivíduos.

Uma informação fundamental que, embora não presente nos textos mencionados, pode ter nos chegado de modo indireto, porque fruto da consulta a obras de historiadores por parte do filósofo, encontra-se na *Política* aristotélica e nos permite dimensionar o significado e a importância da presença coletiva de migrantes na antiguidade. A discutir a inserção de estrangeiros e mercenários na esfera da cidadania antiga¹¹, o filósofo afirma que

a ausência de unidade tribal também é fator de desestabilização, enquanto não existir uma unidade espiritual. Na verdade, tal como uma cidade não provém de uma multidão qualquer, também não se forma num momento qualquer. O facto de, até agora, as cidades terem admitido estrangeiros como co-fundadores e co-colonizadores de outra raça, motiva grande parte das revoltas. Assim sucedeu ao tempo em que os Aqueus e Trizénios se estabeleceram conjuntamente em Síbaris. Tendo-se tornado muito numerosos, os Aqueus expulsaram os Trizénios (o que explica o sacrilégio em que incorreram os Sibaritas). O mesmo sucedeu em Túria, onde os Sibaritas, que partilharam o território com co-colonizadores, foram expulsos por reclamarem a supremacia a pretexto de que o território era deles. Em Bizâncio, os colonos que conspiraram contra os habitantes da cidade foram expulsos do território, à força, depois de perseguidos. Os habitantes de Antissos forçaram os exilados provenientes de Quios e acolhidos na sua terra a abandonar o seu território. Os habitantes de Zanclo foram banidos pelo povo de Samos que inicialmente tinha sido aceite no território daqueles. Os habitantes de Apolónia, no Ponto Euxino, depois de introduzirem colonos no seu território, também acabaram por se envolver em confrontos. Os habitantes de Siracusa, após a tirania, tendo outorgado cidadania aos estrangeiros e mercenários, sofreram sedições e envolveram-se em lutas. O mesmo sucedeu aos habitantes de Anfípolis, que, depois de aceitarem no seu território colonos de Calcídia, acabaram por ser expulsos, na maior parte por eles (5.1303a25-b3)¹².

¹¹ Sobre a questão cf. Poddighe, 2022 e 2014, p.79-81, e o comentário de R. Robinson (Aristotele, 2014, p.424-425).

¹² στασιωτικὸν δὲ καὶ τὸ μὴ ὁμόφυλον, ἕως ἂν συμπευέσῃ· ὥσπερ γὰρ οὐδ' ἐκ τοῦ τυχόντος πλήθους πόλις γίγνεται, οὕτως οὐδ' ἐν τῷ τυχόντι χρόνῳ· διὸ ὅσοι ἤδη συνοίκους ἐδέξαντο ἢ ἐποίκους, οἱ πλείστοι διεστασίασαν· οἷον Τροϊζηνίοις Ἀχαιοὶ συνώκησαν

Chave no passo é a reiteração do fato de que, entre os gregos, migrantes eram convidados, recebidos e/ou acolhidos – *edéksanto*, *eisdeksámenoi*, *hypodeksámenoi*, *epagagómenoi*, *deksámenoi* – sublinhados na nota –, isto é, sua presença, acolhida e inserção eram originalmente *voluntárias*; conflitos só surgiam depois e por razões outras que não as derivadas do processo de migração em si nem necessariamente do agrupamento de tais migrantes em coletividades. Por outras palavras, talvez não seja uma leitura tão extrapolante a que afirma a consciência antiga, ainda que latente, de que póleis, impérios e demais formas de coletividade eram resultado, e viviam em função, precisamente do trânsito de pessoas e seus agrupamentos. Por outras palavras, migrar, formar redes e comunidades, para então migrar novamente, e assim num ciclo permanente, constituiu o fenômeno-regra, não a situação de exceção (essa, sim, formada pela constituição sedentária de póleis e impérios) na antiguidade. Mais do que isso, parece ter sido algo não apenas reconhecido e aceito, mas talvez mesmo fomentado por comunidades, pólis e impérios que receberam ou acolheram tais migrantes. A despeito das supostas diferenças entre indivíduos ou grupos, a acolhida voluntária e a inserção parecem ter sido regra no trato com migrantes, não exceção, algo que pode ser deduzido também pelo reconhecimento tácito dos agrupamentos por eles formados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão da atuação dos migrantes com base na identificação de redes de apoio e comunidades que elaboraram e/ou que lhes foram atribuídas pelas narrativas em análise se beneficia, num primeiro momento, diretamente da conjugação com aportes dos estudos sobre migrações¹³. Abordagens tradicionais sobre migrações tendem a focar-se em polaridades explicativas tanto identitárias (livre/escravo, cidadão/estrangeiro, autóctone/bárbaro, multidão/elite ou

Σύβαριν, εἴτα πλείους οἱ Ἀχαιοὶ γενόμενοι ἐξέβαλον τοὺς Τροϊζηνίους, ὅθεν τὸ ἄγος συνέβη τοῖς Συβαρίταις· καὶ ἐν Θουρίοις Συβαρίται τοῖς συνοικήσασιν (πλεονεκτεῖν γὰρ ἀξιοῦντες ὡς σφετέρας τῆς χώρας ἐξέπεσον)· καὶ Βυζαντίοις οἱ ἔποικοι ἐπιβουλευόντες φοραθέντες ἐξέπεσον διὰ μάχης· καὶ Ἀντισσαῖοι τοὺς Χίων φυγάδας εἰσδεξάμενοι διὰ μάχης ἐξέβαλον· Ζαγκλαῖοι δὲ Σαμίους ὑποδεξάμενοι ἐξέπεσον αὐτοῖ· καὶ Ἀπολλωνιάται οἱ ἐν τῇ Εὐεΐνῳ πόντῳ ἑποίκους ἐπαγαγόμενοι ἐστασίασαν· καὶ Συρακούσιοι μετὰ τὰ τυραννικὰ τοὺς ξένους καὶ τοὺς μισθοφόρους πολίτας ποιησάμενοι ἐστασίασαν καὶ εἰς μάχην ἦλθον· καὶ Ἀμφιπολίται δεξάμενοι Χαλκιδέων ἑποίκους ἐξέπεσον ὑπὸ τούτων οἱ πλείστοι αὐτῶν. Tradução adaptada de Aristóteles, 1998. Operei minúsculos ajustes quando necessário.

¹³ Degenne; Forsé (1999); Latour (2005); Koser (2007); Malkin (2011); O' Really (2012); Davies (2015); Baker; Tsuda (2015); Brettell; Hollifield (2015); Taylor; Vlassopoulos (2015); Zanfrini (2016); Knight (2019); Blok; Farías; Roberts (2020); Mancini; Stranges; Vingelli (2020).

masculino/feminino) quanto causais. Estas últimas articulam-se em fatores de atração e expulsão migratória e, apesar dos resultados que têm produzido sobretudo para o exame das migrações por razões econômicas, assentam num modelo de pólis centrado no cidadão e em instituições fixas, não no migrante como sujeito agente¹⁴.

Por outro lado, a identificação de redes e comunidades de apoio criadas pelos próprios migrantes e/ou às quais se vincularam¹⁵ destaca não apenas seu papel ativo como permite pensar instituições fixas e períodos de sedentarismo e fixação, tais quais *póleis* e impérios, como zonas de entrecruzamento de populações, isto é, como criações humanas permanentemente atravessadas, durante suas fases de estabelecimento, existência e fenecimento, por deslocamentos populacionais, intercâmbios de ideias e alterações de modos de vida. Por outras palavras, tais instituições e períodos foram designados como paradigmáticos, e por isso tornados objetos de estudo *par excellence*, precisamente pelo fato de constituírem notáveis exceções àquilo que pode ser considerado a regra não apenas na antiguidade: o nomadismo e a migração. Estudos de redes e comunidades resgatam tais fenômenos que ficaram em segundo plano, que não deixaram traços facilmente rastreáveis e que, por isso, permanecem à sombra de pólis e impérios, sobretudo pelo fato de que, em sua maioria, tais redes e comunidades não reproduziam estruturas de pólis conhecidas e claramente identificáveis, ou ao menos não foram descritas em tais termos pelos historiadores em questão. Quando o olhar do narrador está posto quase que exclusivamente sobre o cidadão e formas então correntes de cidadania, não é raro encontrar descrições de migrantes e suas formas de vivência como exceções em negativo, ainda que tenham constituído precisamente a regra de vida da maioria dos viventes ao menos na antiguidade.

Ainda que focada no contexto das colonizações gregas do período arcaico, uma das premissas de Malkin (2011, p.5) pode perfeitamente ser empregada para dar a medida da importância do estabelecimento de redes e comunidades por parte de migrantes aparentemente desconectados entre si: “Greek civilization as we know it emerged, in my view, not in spite of distance but because of it. I will suggest that it was distance and network connectivity that created the virtual Greek center”. Os elos e as pontes que encurtaram essas distâncias e estabeleceram conexões necessárias para sua superação e aproveitamento não foram apenas as colônias institucionalmente planejadas, mas também todos os indivíduos que, como visto, souberam se

¹⁴ Cartledge (2002); Hansen; Nielsen (2004); Hansen (2005).

¹⁵ Malkin (2011); Taylor; Vlassopoulos (2015); Kasimis (2018); Blok; Farías; Roberts (2020); Loddo (2020).

organizar e marcar o espaço mediterrâneo com seu próprio trânsito e modos de organização nem sempre êmulos às conhecidas formas de pólis ou impérios.

Nas narrativas dos historiadores antigos, as referências ao fenômeno migratório e a formas de organização a ele associadas não estão sistematizadas, mas podem ser lidas e interpretadas como o que Mosconi (2021) caracteriza como “fragmentos de um discurso político” mais amplo e unificado por um traço comum que permite colocar todos esses textos em diálogo: pulverizados entre obras distintas porém afins, tais fragmentos apontam sempre para um mesmo problema, o das interações entre migrantes e comunidades de origem ou recepção. Pólis e impérios foram centros irradiadores de projetos imperialistas, isto é, que obrigavam terceiros à submissão compulsória, algo radicalmente distinto do que ocorreu quando do estabelecimento de redes e comunidades migrantes, ainda que premidos por necessidades contingenciais, quando não de sua inserção precisamente naqueles centros.

Daí que o ponto mais importante a ser destacado na constituição de redes de apoio e comunidades por migrantes é seu caráter voluntário e, não raro, fomentado ou induzido pelas comunidades que os acolheram, conforme se lê no passo aristotélico analisado pouco acima. Longe de ser um problema ou estritamente uma necessidade de fugir a diversas situações de pobreza ou miséria, ou por questões sócio-políticas, migrar na antiguidade foi, ainda, motor de promoção de novas formas de dinamismo social, econômico, cultural e – por que não? – humanitário. As conclusões de Garland (2014, p.197 e 199 respectivamente) ilustram o ponto de maneira cristalina:

Yet terrible though the sufferings of the Greeks were, the thesis of this investigation has been that migration, displacement, and relocation, both forced and voluntary, were central to the survival, viability, and (it necessarily follows) phenomenal success of Greek societies;

(...) it is hardly any exaggeration to state that the brilliance of Greek civilization was predicated in part upon the shiftlessness of its population. Being Greek meant facing the prospect of being displaced at some point in one's life without any certainty of return.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELE. *Politica*. Vol. I (Libri I-IV). Introduzioni di L. Canfora e R. Kraut. Traduzione di R. Radice e T. Gargiulo. Commento di T. Saunders e R. Robinson. Milano: Mondadori, 2014.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução e notas A. C. Amaral e C. C. Gomes. Pontinha: Vega, 1998.
- BAKER, B.; TSUDA, T. (ed.). *Migration and Disruptions. Toward a Unifying Theory of Ancient and Contemporary Migrations*. Gainesville: University of Florida Press, 2015.
- BLOK, A.; FARÍAS, I.; ROBERTS, C. (ed.). *The Routledge Companion to Actor-Network Theory*. London; New York: Routledge, 2020.

- BOSMA, U.; KESSLER, E.; LUCASSEN, L. (ed.). *Migration and Membership Regimes in Global and Historical Perspective: an Introduction*. Leiden: Brill, 2013.
- BRETTELL, C.B.; HOLLIFIELD, J.F. (ed.). *Migration theory: Talking Across Disciplines*. New York: Routledge, 2015.
- CARTLEDGE, P.A. *The Greeks. A Portrait of Self and Others*. Oxford: OUP, 2002.
- DAVIES, John. Retrospect and Prospect. In: TAYLOR, C.; VLASSOPOULOS, K. (ed.). *Communities and Networks in the Ancient Greek World*. Oxford: OUP, 2015, p.239-256.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. Transl. A. Borges. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1999.
- GARLAND, R. *Wandering Greeks. The Ancient Greek Diaspora from the Age of Homer to the Death of Alexander the Great*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2014.
- HANSEN, M.H. (ed.). *The Imaginary Polis*. Copenhagen: The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2005.
- HANSEN, M.H.; NIELSEN, T.H. *An Inventory of the Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford: OUP, 2004.
- HARRISON, T. (ed.). *Greeks and Barbarians*. New York; London: Routledge, 2002.
- HARZIG, C.; HOERDER, D. *What is migration history?* Cambridge: Polity Press, 2009.
- ISAAC, B. *The Invention of Racism in Classical Antiquity*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2004.
- KASIMIS, D. *The Perpetual Immigrant and the Limits of Athenian Democracy*. Cambridge: CUP, 2018.
- KING, R. *Theories and Typologies of Migration: an overview and a Primer*. Malmö: Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare, 2012.
- KNIGHT, John Brendam. "Migration theory and Greek Colonisation: Milesians at Naukratis and Abydos", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 33, p. 45-65, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/169246/163346/434034>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.
- KOSER, K. *International Migration. A Very Short Introduction*. Oxford: OUP, 2007.
- LAPE, S. *Race and Citizen Identity in the Classical Athenian Democracy*. Cambridge: CUP, 2010.
- LATOUR, B. *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: OUP, 2005.
- LODDO, Laura. (ed.). Political Refugees in the Ancient Greek World Literary. Historical and Philosophical Essays. International Workshop (Aix-Marseille Université, 15-16 juin 2017). *Pallas* v. 112, 2020.
- MALKIN, I. *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: OUP, 2011.
- MANCINI, C.B.; STRANGES, M.; VINGELLI, G. (ed.). *Migrazioni. Percorsi interdisciplinari*. Milano; Udine: Mimesis, 2020.
- MORALES, F.A. *A democracia ateniense pelo avesso: os metecos e a política nos discursos de Lísias*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- MOSCONI, G. *Democrazia e buon governo. Cinque tesi democratiche nella Grecia del V secolo a.C.* Milano: LED, 2021.
- O' REALLY, K. *International Migration and Social Theory*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- PAIVA, O.C. *Histórias da (i)migração. Imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo: APESP, 2013.
- PODDIGHE, E. *Aristotele, Atene e le metamorfosi dell'idea democratica. Da Solone a Pericle (594-451 a.C.)*. Roma: Carocci, 2014.
- PODDIGHE, Elisabetta. Politeia and the historical account of the polis in Aristotle. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, v. 49, p. 287-309, 2022. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/araucaria/article/download/20058/18328/82582>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

- SEBASTIANI, Breno Battistin. The Coups of 411 and 404 in Athens: Thucydides and Xenophon on Conservative Turns. *GRBS*, v. 58, p. 490–515, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37694431/The_Coups_of_411_and_404_in_Athens_Thucydides_and_Xenophon_on_Conservative_Turns_2018_. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.
- SEBASTIANI, Breno Battistin. Resistência democrática em Samos contra o golpe de 411. *Historia* 396, v. 12, p. 51-72, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/87034449/Resistência_democrática_em_Samos_contra_o_golpe_de_411_2022_. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.
- TAYLOR, Claire; VLASSOPOULOS, Kostas. Introduction: An Agenda for the Study of Greek History. In: IDEM (ed.). *Communities and Networks in the Ancient Greek World*. Oxford: OUP, p.1-34, 2015.
- VLASSOPOULOS, K. *Unthinking the Greek Polis. Ancient Greek History beyond Eurocentrism*. Cambridge: CUP, 2007.
- VLASSOPOULOS, K. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: CUP, 2013.
- WIJMA, S.M. *Embracing the Immigrant. The participation of metics in Athenian polis religion (5th–4th century BC)*. Stuttgart: Franz Steiner, 2014.
- ZANFRINI, L. *Introduzione alla sociologia delle migrazioni*. Bari; Roma: Laterza, 2016.

Recebido: 11/2/2025

Aceito: 10/3/2025

Publicado: 11/3/2025

Rev. est. class., Campinas, SP, v.25, p. 1-16 e025003, 2025